

DIVERSIDADE CULTURAL TRADICIONAL NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM SUSSUNDENGA- MOÇAMBIQUE

Munossiua Efrema Macorreia¹

Resumo: O presente estudo, apresenta reflexões sobre as ações da pesquisa da diversidade cultural tradicional na Educação Ambiental, voltada para o desenvolvimento da conscientização ambiental. O objetivo do estudo, visou concentrar esforços na revitalização sobre a responsabilidade da Educação Ambiental, como um todo no que se refere ao papel essencial desempenhado pela diversidade cultural tradicional mediante processos de interação mútua, pois acredita-se, que a reflexão sobre essa questão auxilia para que possamos usufruir da nossa cultura local, conscientizando o uso racional do meio ambiente. Os sujeitos envolvidos na pesquisa são: Estruturas tradicionais e a comunidade em geral. As ações desenvolvidas no campo da pesquisa resultou que os professores da escola primária do primeiro grau (EP1) de Chingundo, não praticam nenhuma atividade que aborda sobre aspecto da diversidade cultural de Educação Tradicional, impossibilitando a tomada de decisões de conflitos entre as etnias Téwe, Manyka e Ndau, através de diálogo intercultural. A recolha dos dados priorizou a pesquisa exploratória, descritiva e empírica, de natureza qualitativa e quantitativa, buscando perceber a importância da vida cultural das etnias Téwe, Manyka e Ndau para a reconstrução da convivência harmoniosa homem e ambiente, formando as crianças proto para serem agentes de educação na superação de quaisquer formas de exclusão na resolução da problemática ambiental do distrito de Sussundenga, bem como no planeta em geral.

Palavras-chave: Diversidade Cultural Tradicional; Educação Ambiental; Moçambique.

¹FUNIBRE-Universidade Internacional. E-mail: efremomunossiua@yahoo.com.br,
Link para o Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9637593119662166>

Abstract: This study presents reflections on the research actions of traditional cultural diversity in Environmental Education, focused on the development of environmental awareness. The objective of the study was to concentrate efforts on revitalizing the responsibility of Environmental Education, as a whole, with regard to the essential role played by traditional cultural diversity through processes of mutual interaction, as it is believed that reflection on this issue helps so that we can enjoy our local culture, raising awareness of the rational use of the environment. The subjects involved in the research are: Traditional structures and the community in general. The actions developed in the research field resulted in the teachers of the primary school of the first grade (EP1) of Chingundo, do not practice any activity that addresses the cultural diversity aspect of Traditional Education, making it impossible to make decisions about conflicts between the Téwe ethnic groups Manyka and Ndaú, through intercultural dialogue. Data collection prioritized exploratory, descriptive and empirical research, of a qualitative and quantitative nature, seeking to understand the importance of the cultural life of the Téwe, Manyka and Ndaú ethnic groups for the reconstruction of harmonious coexistence between man and environment, forming proto children to be agents education in overcoming any forms of exclusion in solving the environmental problem in the district of Sussundenga, as well as in the planet in general.

Keywords: Traditional Cultural Diversity; Environmental Education; Muzambique.

Introdução

Na antiguidade, nas comunidades rurais, quase todos os seus membros das etnias compartilhavam os mesmos conhecimentos, tinham crenças e gostos semelhantes, um acesso aproximadamente igual ao capital cultural comum. Pois, elas viviam em harmonia com a sua diversidade cultural tradicional e com seu meio ambiente, *“conferindo-lhes sentido ao elaborar signos, práticas e valores, ao definir para si própria o possível e o impossível, a linha do tempo (passado, presente e futuro), as distinções no interior do espaço [...], o justo e o injusto, o permitido e o proibido, a relação com o visível e o invisível, o sagrado, a guerra e a paz, a vida e a morte”* (CHAUI, 2006, p.131).

Na atualidade o cenário é completamente outro, pois as diferenças culturais originadas pelas heterogeneidades de experiências e pela divisão técnica e social do trabalho, são utilizadas pelos grupos dominantes para obter uma apropriação privilegiada do patrimônio cultural, consagrando-se como superior em relação as outras culturas, porque estes foram gerados pelos grupos dominantes.

Essa situação, não foge da realidade vivenciada atualmente em Moçambique, concretamente no distrito de Sussundenga, pois as grandes diferenças culturais das etnias que existem no distrito, destacando-se: Téwe, Manyka e Ndaú, constituem fatores que impossibilitam negativamente para a

compreensão significativa na forma como as comunidades locais organizam-se na sua concepção partilhada da moralidade e na maneira da convivência com o seu meio ambiente.

Neste sentido, muitos dos problemas da degradação ambiental que hoje reportamos em Moçambique, constituem o espelho da história, consequência da reprodução de erros no relacionamento entre o Homem e a Natureza, e que têm vindo a agudizar-se devido a uma série de fatores: pobreza, aumento populacional, falta de alternativas de sustento, défice educacional cultural, falta de políticas e estratégias adequadas, entre outros.

Essa situação, torna-se mais complicada com a guerra civil que assolou no País no período 1977-1992, entre as Forças Armadas de Defesa de Moçambique (FADM), e a Resistência Nacional de Moçambique (RENAMO), fez com que as pessoas deslocassem de um lugar menos seguros para os locais com maior segurança. Os indivíduos que chegavam a um local não se compenetravam inteiramente com as tradições culturais desses locais havendo certa relutância em querer aplicar as formas culturais tradicionais de vida dos locais de sua proveniência o que foi gerando frições culturais. Porque se estava em guerra, alguns indivíduos não naturais puderam ascender a cargos de chefia nalgumas zonas facto que levava aos nativos a sentirem-se preteridos e marginalizados, tanto que já não tinham referência e nem conselheiros dado que o chefe (secretário) era estranho a cultura local.

O fenómeno globalização que se vive atualmente no planeta terra, é o outro fator que contribui para a degradação da diversidade cultural na região em estudo, na medida em que estabelece as normas de coesão e solidariedade social e os imaginários coletivos que definem as necessidades e desejos das pessoas dentro das organizações culturais diferenciadas, originando tensões, fraturas e reivindicações relativamente à identidade, que se convertem em fontes potenciais de conflito, perdendo de vista o que temos em comum como seres humanos para sensibilizar e despertar aos aprendizes sobre a importância da diversidade cultural na conservação do meio ambiente local.

É neste âmbito, que resultou a reflexão crítica acerca da compreensão dos diversos contextos sociais, proporcionando conhecimentos profundos ricos em saber os valores históricos e culturais, oferecendo os aprendizes, jovens, adultos e idosos, oportunidades e capacidades de desenvolver as normas costumeiras das comunidades residentes, desde que estas não sejam contrárias aos princípios de conservação do meio ambiente.

Assim, este estudo tem como objectivo: concentrar esforços na revitalização sobre a responsabilidade da Educação Ambiental, como um todo no que se refere ao papel essencial desempenhado pela diversidade cultural tradicional mediante processos de interação mútua, pois acredita-se, que a reflexão sobre essa questão auxilia para que possamos usufruir da nossa cultura local, conscientizando o uso racional do meio ambiente.

Portando, verifica-se a necessidade dos professores do ensino primário do primeiro grau (EP1), reverem o currículo educacional e suas práticas pedagógicas contemplando à valorização para com a diversidade sociocultural de cada aprendiz que chega até a escola, de forma a reconhecer a sua realidade próxima “bagagem” e as experiências acumuladas, durante a sua convivência com os seus progenitores. Pois, o que se precisa ser modificado, não é a cultura dos aprendizes, mas, a cultura da escola, a qual muitas vezes, segue um padrão tradicional, passivo, e totalmente fragmentado, “desligado” da realidade social, contribuindo para a degradação dos recursos naturais.

Assim, torna urgente a necessidade de aprimoramento da Educação Ambiental no distrito de Sussundenga, colocando à disposição de todas as pessoas, ampliando os debates e reflexões destinados a esclarecer quem somos, onde estamos e para onde queremos chegar com a degradação da diversidade cultural tradicional.

É nesta perspectiva, de ideia que aparecem os autores como Fernando, Gonçalves, Pereira e Azeitero (2007), afirmando que:

a escola constitui um lugar de maior socialização e sensibilização, visando providenciar os esclarecimentos que veiculam os valores ambientais, de forma a possibilitar a formação de cidadãos competentes e responsáveis na resolução dos problemas ambientais.

Desde modo, ao incentivar a aproximação do homem com o meio natural, surge a necessidade de proteger e valorizar a diversidade cultural tradicional. Neste sentido, leva os professores do nível primário do primeiro grau (EP1), defenderem uma educação “diferenciada” na qual a escola deveria ter o compromisso ético e político de preservar costumes e formas de organização cultural, social, política e religiosa sem prejudicar o acesso e a apropriação dos saberes e conhecimentos universais.

Neste sentido, os professores de todos os níveis escolares do EP1, durante a planificação dos seus programas curriculares devem incluir a Educação Ambiental de forma significativa, enfatizando a relevância da diversidade cultural tradicional no processo da transformação prática e teórica da relação homem e natureza. Como afirma Leff (2009):

a degradação da diversidade cultural tradicional, vivenciada no mundo atual, bem como os seus efeitos nos desequilíbrios ambientais e das bases de sustentabilidade ambiental do planeta, pouco a pouco se vem reconhecendo o papel da Educação Ambiental na transformação histórica dos processos tecnológicos que especifica que o homem deve-se submeter às “leis naturais”, como todos os outros seres vivos, garantindo o intercâmbio de diálogo e de troca de experiência inerente a cada cultura do mundo.

Revbea, São Paulo, V. 16, Nº 3: 457-472, 2021.

É diante disso, que existe a necessidade do envolvimento da população local no estudo do seu ambiente e das questões que o envolvem, analisando como é que a diversidade cultural tradicional no distrito de Sussundenga, está presente no processo da formação dos professores do EP1, tomando em vista que a sua presença poderá auxiliar para a conservação das espécies e dos ecossistemas para a vida em geral das comunidades locais.

Metodologia

Para desenvolver este estudo pautamos pela pesquisa exploratória, descritiva e empírica, de natureza qualitativa e quantitativa. Utilizou-se, *a priori* a pesquisa exploratória objetivando compreender melhor de que forma a Educação Ambiental Tradicional, como ferramenta para a conscientização da diversidade cultural, como está sendo transmitida na escola primária do primeiro grau (EP1) de Chingundo, buscando perceber a importância da vida cultural das etnias Téwe, Manyka e Ndaou e verificar o seu grau de envolvimento e consciência sobre a responsabilidade na reconstrução da convivência de um ambiente mais saudável e biogeograficamente equilibrado.

Em seguida, realizou-se a pesquisa descritiva, justifica-se pelo facto de que este tipo de pesquisa ter permitido observar, registrar, descrevendo as características de uma população ou fenómeno ou sistemas técnicos, sem, contudo, entrar no mérito dos conteúdos (Gil, 2008).

Optou-se pelo estudo qualitativo com a finalidade de fazer uma descrição compreensiva e analítica de um grupo social, de uma organização etc. (BOGDAN; BIKLEN, 2003), e quantitativa, permitiu buscar dados em níveis estatísticos, traduzindo em números, opiniões e informações sobre os resultados da amostra quantificado para os interessados (MATTAR, 2001).

E através da investigação empírica, permitiu que o pesquisador registasse algumas informações obtidas através da entrevista semiestruturada junto as estruturas tradicionais e a comunidade em geral. Foram todos interrogados sobre ideias, valores, crenças, causas e medidas pedagógicas necessárias para a conservação da diversidade cultural.

Além disso, procedeu-se ao realizar a pesquisa bibliográfica, visando fundamentar as pesquisas de campo. Esta pesquisa julgamos que ganha maior relevância no desenvolvimento das atividades teóricas ao buscarmos com base de fichas, livros, artigos, teses etc., alguns alicerces que ajudem a dar um horizonte favorável ao objectivo-chave, em coordenação com o tema em análise.

Na análise dos dados, procedeu-se o uso do programa SPSS (é um software, aplicado programas de computador do tipo científico), o que permitiu interpretar possíveis resultados dos cálculos estatísticos, contribuindo à criação de gráficos.

Educação Ambiental

O mundo atual, vive uma diversidade cultural de risco com os impactos que muitas vezes supera a nossa capacidade de percepção e a resolução direta, aumentando as evidências que eles podem atingir não só a vida de quem os produz, mas as de outras pessoas, espécies animais e as gerações vindouras.

Neste contexto, a Educação Ambiental deve ser entendida como:

uma ferramenta (instrumento) principal para a formação de novos conceitos, conhecimentos e mudanças de hábitos. Propondo processos continuados que favorecem o respeito a cultura étnica, de tal forma que as futuras gerações possam também usufruir dos benefícios dos recursos naturais (Chalita, 2002, p. 34).

Assim, acreditaríamos que a Educação Ambiental é indispensável para manutenção do equilíbrio da diversidade cultural tradicional e conseqüentemente da vida das comunidades locais bem como da terra no geral.

Para o efeito, de acordo com Pelegrini (2006, p. 115-140), defende que:

a Educação Ambiental, ainda não é reconhecida a sua importância na diversidade cultural tradicional, principalmente nas regiões rurais e é pouco contemplado nos currículos escolares. Portanto, torna-se tarefa prioritária, com vista criar as condições que formem uma nova consciência sobre o valor da natureza, intensificando a consciência do valor cultural e simbólico dos distintos bens, que possa contribuir para a superação de exclusões sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outros.

Assim, aliando-se ao estudo em epígrafe, surge a necessidade olhar o preceituado da Conferência Internacional da ONU, não só, como estratégia de prevenção da natureza, partindo dos antecedentes históricos da nossa área de pesquisa, do comportamento sociocultural local do público-alvo, mas também, com objetivo de produzir um trabalho educativo, destinado a um público de jovens e adultos e em todos os segmentos da sociedade local, para contribuir na mudança comportamental destes e dos demais sobre o meio ambiente, pois supomos haver uma necessidade extrema de uma Educação Ambiental cultural tradicional.

Nesta óptica, na perspectiva de dar mais andamento aos problemas ambientais, em 1975, foi realizado o congresso de Belgrado, que reuniu

Revbea, São Paulo, V. 16, Nº 3: 457-472, 2021.

especialistas ambientalistas de 65 Países, promovido pela UNESCO, definiu a Educação Ambiental como sendo um processo que visa:

(...) formar uma população mundial consciente e preocupado com o meio ambiente e com os problemas da degradação da diversidade cultural que lhe dizem respeito, uma população que tenha os conhecimentos, as competências, o estado de espírito, as motivações e o sentido de participação e engajamento que lhe permita trabalhar individualmente e coletivamente, visando resolver os problemas atuais e impedir que se repitam (...), (*apud* SEARA FILHO, G. 1987, p. 40-44).

Compreendendo o fato de o meio ambiente ser uma questão de ambição humana e cultural, segundo Mucelin (2004), afirma que:

foi a partir da revolução agrícola no século XVIII e XIX que a Europa se deparou com muitos problemas ambientais pelo fato da destruição do meio ambiente (flora e fauna), a partir daí que o homem ouviu pela primeira vez a falar da importância da diversidade cultural tradicional para a conservação do meio ambiente, tomando as medidas adequadas que impossibilitam as queimadas descontroladas, poluição dos solos, do ar, etc.

Diante desse pressuposto, começou a ser necessário que as escolas, participem desta educação com vista a terem uma atitude crítica, nos aspectos da diversidade cultural de Educação Ambiental Tradicional, bem como para que não se tornem passivos e conformados com a degradação do meio ambiente.

Para isso, a Educação Ambiental deve ser vista como o palco da socialização cultural em que diferentes etnias estão presente, produzindo novos modelos de tecnologia e comunicação que possibilita enfatizar a relação dos homens com o meio ambiente, as formas de conservá-lo, preservá-lo e de administrar seus recursos (UNESCO, 2005, p. 44).

Portanto, fica bem claro que a inserção da diversidade cultural tradicional na Educação Ambiental, implicaria envolver os processos que consistiria na valorização das tradições, os costumes, as expressões orais, artísticas e as práticas sociais, as festas e a religião, possibilitando o professor primário do EP1 de se avaliar a importância de trabalhar com a realidade próxima dos saberes tradicionais de cada etnia no qual os indivíduos e as comunidades locais adquirem consciência ambiental que os tornam capazes de agir, individual ou coletivamente, na busca de soluções para problemas que levam a degradação do meio ambiente, presente e futuro.

Diversidade Cultural na Educação Ambiental

Moçambique, é um País rico em conhecimentos culturais tradicionais, por outro lado, não podemos deixar de acrescentar, a grande desigualdade que existe em Moçambique. Por este motivo, verifica-se a necessidade da incorporação da diversidade cultural nos programas curriculares de todos os níveis de escolaridade. Neste sentido, é imperioso trabalhar com os aprendizes sobre a importância da diversidade cultural, pois é a partir dela que os aprendizes aprendam e carregam consigo a coragem de “*superar limitações impostas pela natureza. Exemplo disso: o homem tem capacidade de fabricar carros, aviões e submarinos e, sem asas ou nadadeiras, avançamos para o espaço e mares. Tornámo-nos os mais poderosos do planeta terra*” (GUERREIRO, 2001, p. 27).

É diante disso que Santo (2012, p. 16), define a cultura como:

um conjunto de princípios explícitos e implícitos herdados por indivíduos de uma dada etnia ou sociedade em geral, princípios esses que procuram mostrar as novas gerações como ver o mundo, como vivenciá-lo socialmente e como se comportar em relação às outras pessoas. Constitui uma forma de enculturação pela qual o homem e a mulher precisam de uma existência unificada para compartilhar a vida de gerações anteriores e também das expectativas das sociedades com respeito a seu próprio futuro e o seu meio ambiente em que vive. Cultura refere tudo aquilo que não é natureza. Exemplo: a terra é a natureza e plantio é cultura.

E o contributo acima é também sustentado por Martinazzo (2004, p. 76), ao defender que:

a diversidade cultural constitui um conjunto de hábitos, costumes, crenças religiosas, valores etc., que perpetuam de geração em geração. A diversidade cultural ajuda as pessoas a se adaptarem às novas condições e acumula o que é conservando, transmitindo o aprendido e comportando vários princípios de aquisição do saber fazer, estar inserido no meio ambiente e práticas que levam a sustentabilidade do meio ambiente.

Portando, a partir desta contextualização a diversidade cultural tradicional no contexto atual, segundo a Declaração Universal da UNESCO (2000), pode ser entendida de duas linhas fundamentais:

a primeira linha refere-se à diversidade dentro do contexto da sociedade específica, em que seus indivíduos possuem características culturais heterogêneas que, em conjunto, constroem uma identidade nacional, cuja preocupação é a manutenção dos seus direitos, da democracia cultural, da busca da igualdade das minorias. A segunda está inserida no contexto mundial das trocas dos bens e serviços culturais e busca um intercâmbio equilibrado entre os países.

Para isso, na reflexão de Sacristán (2002, p. 14-15), a diversidade cultural, deve ser encarada com naturalidade pela escola visto que, para o autor:

a diversidade, assim como a desigualdade, são manifestações normais dos seres humanos, dos factos sociais, das culturas e das respostas dos indivíduos frente à educação nas salas de aula. A diversidade poderá aparecer mais ou menos acentuada, mas é tão normal quanto a própria vida, e devemos acostumar-nos a viver com ela e a trabalhar a partir dela, possibilitando a abertura de espaço que contemple o diálogo entre as diferentes classes sociais.

Assim, a compreensão da diversidade cultural aumenta o nosso conhecimento e capacidade de compreender e aceitar as diferenças, cuja suas vantagens acabam por ser muito superiores a qualquer dificuldade inicial que possa surgir por causa das diferenças entre as pessoas

A partir desta contribuição, um dos aspectos necessário e de maior relevância no ensino primário em Moçambique, segundo o Ministério da Educação e Desenvolvimento Humano relaciona-se com a diversidade cultural de educação tradicional dos indivíduos e dos grupos sociais, porque a cultura moçambicana foi sempre marcada pela miscigenação cultural que advém das migrações bantus, que é transmitida oralmente de geração em geração de forma tradicional com particular incidência durante os ritos de iniciação das crianças.

Portanto, o professor do ensino primário do primeiro grau (EP1), deve ser capaz de potencializar as formas culturais tradicionais de cada etnia a favor da qualidade de ensino aprendizagem a partir de *“respeito aos direitos das comunidades locais, criando espaço democrático, dando lugar à convivência entre as diferentes culturas tradicionais. A alienação desses direitos leva a degradação da cultura local de qualquer povo ameaçando a sobrevivência do ambiente natural e o bem-estar económico (...)”* (MARÍN, 2003. p. 2).

É neste contexto, que a população do distrito de Sussundenga, protegem e mantêm intacta sua identidade, feita principalmente através de suas políticas públicas, suas expressões culturais, de forma que possa haver o reconhecimento da sua contribuição para a preservação do meio ambiente.

Resultados

Formas culturais tradicionais de Educação Ambiental em Susussundenga

Neste subcapítulo, analisemos forma por forma com a intenção de apreendermos o papel que a diversidade cultural tem na preservação e conservação dos recursos naturais no distrito de Sussundenga, bem como no País em geral onde este estudo pode a ser útil. Em primeiro lugar começaremos a abordar a canção e a dança.

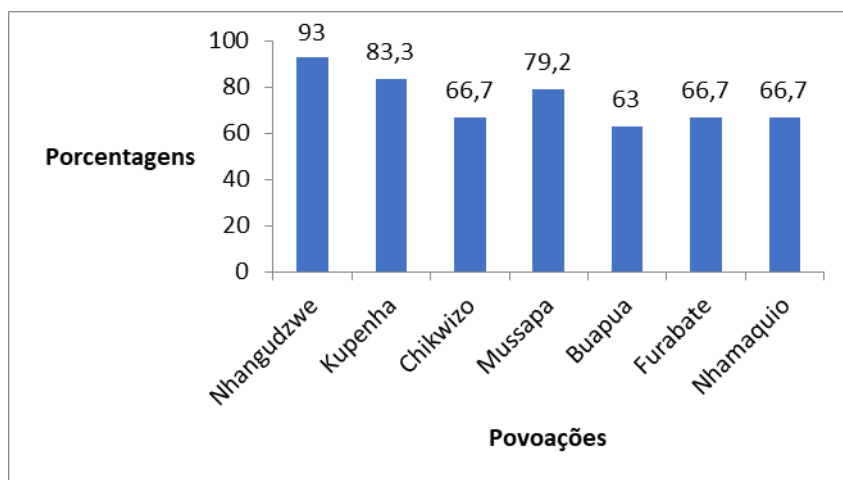
Canção e a dança dirigida aos desobedientes

A partir de nosso constato pessoal e experiência em contacto com o terreno da pesquisa, junto as comunidades locais constatamos que a canção e a dança constituem uma simbiose de transmissões do saber “popular” ou “tradicional”. Através destas manifestações “artísticas”, o homem exterioriza muitos sentimentos e segredos da natureza.

À medida que íamos conhecendo mais a tradição local constatamos que desde da antiguidade a canção e a dança, desempenha um papel muito predominante na vida das sociedades moçambicanas. De acordo com a especificidade de cada região ou etnia, *“ela adquire múltiplos significados e está presente tanto nos tabus, nos contos, quanto nas práticas mágicas-religiosas, transmitindo, por um lado, a alegria, o amor, a fraternidade e a solidariedade e, por outro, a tristeza, o sofrimento, e a dor, entre outros sentimentos humanos (...)”* (VILANCULO, 2003: 4).

É nesta perspectiva de ideia que a canção e a dança, resistiu ao fenómeno de aculturação derivado do processo da dominação colonial portuguesa pelo que a sua documentação, preservação e divulgação, apesar da modernização que se vive no distrito de Sussundenga, ainda é notório o uso da canção e a dança, em várias comunidades das etnias Téwe, Manyka e Ndaú (Gráfico 1).

Gráfico 1: Percentuais das pessoas entrevistadas que conhecem a canção e a dança, nas diversas povoações no distrito de Sussundenga.



Fonte: Acervo próprio, a partir dos dados da pesquisa do campo, (2016)

Estes dados elucidariam a existência de canções que apesar de não falarem directamente sobre a protecção do meio ambiente, atraem a atenção para o facto de as consequências são nefastas para os desobedientes às normas tradicionais que regulam o uso sustentável do meio ambiente. Esta canção é citada a seguir²:

Maramba Kutongua Unedzonera Wega
Maramba Kutongua Unedzonera Wega
Maramba Kutongua Mureguerei Unodzonera Wega

Uma interpretação linear desta canção seria:

Insubmisso verá sozinho
Insubmisso verá sozinho
Insubmisso deixem-lhe verás sozinho.

Neste sentido, a diversidade cultural tradicional tem grande contribuição na preservação do meio ambiente do distrito. Uma vez que estes assuntos tradicionais permeiam as discussões académicas ambientais na região em estudo ou no País em geral e políticas ambientais atuais da região, onde

² Fonte: Acervo próprio, a partir dos dados da pesquisa do campo, (2016).

muitas vezes os grupos étnicos: Téwe, Ndau e Manyka, como parte integrante desse universo, não dão sua parcela de contribuição, sendo que eles detêm uma parcela significativa dos saberes disponíveis sobre o uso racional do meio ambiente. Assim, sugerimos que essas formas culturais tradicionais sejam vistas na prática nas escolas da região em estudo, o que significaria as novas gerações compreendessem claramente a essência da conservação da parte superficial da superfície terrestre.

Segundo os dados do terreno junto ao chefe tradicional (régulo), da região de Mavita ensinou-nos a canção e a dança Shandindi que era executada pelos homens quando se preparavam para a caça. A canção é citada a seguir³:

Shandindi Shandindi
hoye
Inorira Ngoma Mu Shango
Shandindi Shandindi Hoye
Inorira Ngoma Mu Shango

Uma interpretação linear desta canção seria:

o som da canção
ovacional
toca o batuque no mato

Ao ritmo dos tambores os caçadores cantam e dançam e se preparam para a caçada, pois o espírito da caça desce e incarna os caçadores e o faz audazes para a faixa da caçada na floresta. É também preparação física.

Note-se que esta canção e dança tem hora marcada e o local apropriado para ser executada. Geralmente é na orla da floresta e ao anoitecer, os participantes pernoitam aí, longe das mulheres purificados dos azares.

Assim, acreditamos que a canção e a dança desenvolvem a capacidade de movimento, proporcionando experiência que contribui para o crescimento integrado dos aprendizes sob vários aspectos. No plano individual, desenvolve a capacidade expressiva e artística. No coletivo, exercita o senso de cooperação, o diálogo, o respeito mútuo do meio ambiente que está inserido, a reflexão, tornando os aprendizes mais flexíveis para aceitar as diferenças.

³ Fonte: Acervo próprio, a partir dos dados da pesquisa do campo, (2016).

Provérbios

Os provérbios, estão muitas vezes associados aos contos. São dizeres da sabedoria que despertam a mente. Podem ser proferidos ou cantados, mas o fim é inculcar no ouvinte um saber que molde a sua conduta, tanto no meio social como no meio natural.

Segundo o nosso constato pessoal e experiência em contacto com o campo da pesquisa, relataram um conto que termina com um provérbio. Eles diziam “Era uma vez o Coelho e o Macaco, fizeram amizade forte e num certo dia combinaram fazermachamba de amendoim. O Coelho sugeriu ao amigo (Macaco) que torraste a semente antes de lança-la à terra para que germinasse rápido. O Macaco aceitou e fez o que o Coelho sugeriu, porém, o Coelho não torrou a semente destinada a machamba dele e eis que depois de caírem as chuvas a semente do Coelho germinou bem, mas a do Macaco não” isso quer dizer que quando se recebe um conselho de alguém é preciso analisar seu próprio ponto de vista para o assunto e daí que surge o provérbio **“Zanu Puwa Unerako”**.

Um outro provérbio que surgiu em quase todas comunidades é **“Cinamanhanga a ciputirwe”**, que significa o que tem chifres não se encobre ou seja, todo o mal que alguém faz tarde ou cedo há-se revelar-se à superfície.

Cabe afirmar que o ser humano não é estranho ao meio ambiente, mas sim um sujeito ativo e participante nos ambientes naturais. Faz parte da natureza e não é dissociado dela, portanto, não se pode afirmar que o ser humano apenas tem o objectivo de depredar os recursos naturais sem a sua preservação, mas também deve conservar, cuidar, zelar e preservar o meio ambiente em que insere. Nas palavras sábias de Karl Marx:

O homem vive da natureza, isto significa que a natureza é o seu corpo com o que ele deve permanecer em processo constante para não perecer. O facto de que a vida física e espiritual do homem se relaciona com a natureza não tem outro sentido senão o de que a natureza se relaciona consigo mesma, pois o homem é a parte da natureza (Arruda,1997, p. 262).

Considerações finais

Analisou-se, durante o desenvolvimento do estudo, que hoje em dia os professores, reivindicam o comportamento dos aprendizes, partindo do ponto de vista que em muitos estudos nacionais da Educação Ambiental que são realizados em Moçambique tem-se privilegiado o uso das línguas estrangeiras para discutir-se os problemas ambientais que muito bem seriam discutidos se fosse em nossas línguas locais, deixando de lado a fiscalização e a falta de cumprimento e a conscientização da legislação ambiental na preservação da diversidade cultural.

Segundo Castiano e Ngoenha (2011, p. 148), sustenta a afirmação dizendo que as línguas por meio das quais se divulgam os saberes ambientais

produzidos em África são de origem europeia (ou inglês, francês ou em ainda português).

Também, foi possível verificar que os currículos do ensino primário do EP1 pouco refletem a diversidade cultural de Educação Tradicional que segundo Castiano e Ngoenha (2013, p. 166), se refere pelo grau de satisfação das pessoas individuais, famílias e instituições em relação ao desempenho da escola no seu meio. Razão pela qual na escola para se produzir conhecimento que se julga científico, conservando a diversidade cultural o estudante é “obrigado” a assimilar os pensamentos e teorias desenvolvidos por autores muitas vezes estrangeiros.

Destacou-se que a escola primária de Chingundo, recebe anualmente aprendizes vindos das etnias Ndaou, Téwe e Manyka com cultura diferente, dificultando o desenvolvimento das ações de interações entre a teoria e a prática, salvo se o professor adotar ações interdisciplinares, voltadas para o respeito da diversidade cultural local, valorizando a participação dos aprendizes como agentes responsáveis pela efetivação socioambientais sustentáveis.

Também, foi possível destacar que apesar do estado moçambicano ter assinado a Convenção sobre a proteção e promoção da Diversidade das Expressões Culturais, em 2007 ainda enfrenta muitas dificuldades no campo da gestão pública da cultura, devido a carência de infraestruturas físicas, falta de pessoas competentes para operar as políticas e baixo orçamento destinado ao Ministério de tutela (Barros, 2007).

Nota-se ainda que a falta da prática pedagógica culturais no contexto formal e não formal tem contribuído negativamente para os professores e gestores de todos os níveis de escolaridade, principalmente à do ensino primário do primeiro grau (EP1), no seu processo de ensino-aprendizagem.

É diante deste pressuposto, que o trabalho de resgate da diversidade cultural como ferramenta de Educação Ambiental Tradicional, é referencial para conhecer e aprender a valorizar o diálogo entre as estruturas tradicionais (detentor do saber tradicional), sociedade civil incluindo as comunidades locais, construindo uma cidadania responsável, crítica, participativa, em que cada indivíduo aprende com conhecimentos científicos e com o reconhecimento dos saberes tradicionais, possibilitando a tomada de decisões transformadoras, a partir da difusão destes conhecimentos nas escolas primárias do EP1 e em outros meios públicos.

Referências

BARROS, J.M. Cultura, mudança e transformação: a diversidade cultural e os desafios de desenvolvimento e inclusão. **Anais do ENECULT – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**, 3, Salvador - UFBA/Faculdade de Comunicação. 2007.

BOGDAN, R.S.; BIKEN, S. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. 12.ed. Porto: Porto, 2003.

CASTIANO, J.; NGOENHA, S. **A longa marcha de uma “Educação para Todos” em Moçambique**. (3ª ed.), Maputo, PubliFix. 2013.

CASTIANO, J.; NGOENHA, S. **Pensamento Engajado**: Ensaio Sobre Filosofia Africana, Educação e Cultura Política. Maputo, editora educar-universidade Pedagógica, 2011.

CHAUÍ, M. Cidadania Cultural: **o direito à cultura**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHALITA, G. **Educação**: a solução está no afeto. São Paulo: Gente, 2002.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GUERREIRO, S. (Org.). **Antropos e psique**: o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho D'Água 2001.

LEFF, E. **Ecologia, Capital e Cultura**: a territorialização da racionalidade ambiental. (Coleção Educação Ambiental). Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MARTINAZZO, C.J. **A Utopia de Edgar Morin**: da complexidade à concidadania planetária. 2ª. ed. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

MATTAR, F. N. **Pesquisa de marketing**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MARÍN, J. Globalización, diversidad cultural y practica educativa. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba: Champagnat. v. 4, n.8, jan./abr. 2003.

MUCELIN, C.A. **Resíduos sólidos urbanos**: pesquisa participante em uma comunidade agroindustrial. Medianeira, Pr: Valério, 2004.

PELLEGRINI, S. Cultura e natureza: os desafios das práticas preservacionistas na esfera do patrimônio cultural e ambiental. São Paulo: **Revista Brasileira de História**, [Online], vol.26, nº.51, 2006.

PEREIRA, T.A.C.; PIFFER, M. **Patrimônio histórico, cultural e natural**: região metropolitana da baixada santista: Bertioga, Cubatão, Guarujá, Itanhaém, Mongaguá, Peruíbe, Praia Grande, Santos, São Vicente. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Agência Metropolitana da Baixada Santista, 2010.

SACRISTÁN, J.G. **Educar e conviver na cultura global**: as exigências da cidadania. Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, G. **Três Pilares no Conceito Secular de Cultura**, 2012.

Revbea, São Paulo, V. 16, Nº 3: 457-472, 2021.

SEARA FILHO, G. **Apontamentos de introdução à Educação Ambiental.** Revista Ambiental, a. 1, v. 1, 1987.

TAMELE, V.; VILANCULO, J.A. **Algumas Danças Tradicionais da Zona Norte de Moçambique.** ARPAC, colecção Embondeiro, Maputo, 2003.

UNESCO. **Anteprojeto da Convenção sobre a Proteção da Diversidade de Conteúdos Culturais e Expressões Artísticas.** CLT/CPD/2004/CONF.201/2, Paris, julho de 2004.

UNESCO E MINISTÉRIO DA CULTURA. **Patrimônio imaterial:** política e instrumentos de identificação, documentação e salvaguarda. Brasília, 2008

UNESCO E MINISTÉRIO DA CULTURA. **Informe mundial sobre a cultura:** diversidade cultural, conflito e pluralismo. São Paulo: Moderna, 2000